

**IJRS – INSTITUTO JUNGUIANO DO RIO GRANDE DO SUL  
FORMAÇÃO DE ANALISTAS DA AJB  
XV JORNADA REGIONAL DE PSICOLOGIA JUNGUIANA DO IJRS**

**Vanice de Jesús Klein**

**A COMPREENSÃO DA TEMÁTICA SIMBÓLICA PARA A  
PSICOLOGIA ANALÍTICA- ESTUDOS INICIAIS.**

**Porto Alegre  
2013**

“Um sinal é uma parte do mundo físico do ser (being), um símbolo é uma parte do mundo humano da significação (meaning)”. E. Cassirer

## **1. INTRODUÇÃO**

A compreensão da temática simbólica para a Psicologia Analítica é de fundamental importância para o entendimento do por que Jung tomou o símbolo como a própria linguagem do Inconsciente. Esta importância reside não somente em seu caráter expressivo, mas na própria função estruturante da psique e como tal da experiência humana.

Contudo, se para Jung as imagens simbólicas tem, em sua dinâmica seu significado primordial para dinâmica humana, constata-se que a sua terminologia com relação ao imaginário é por vezes de difícil apreensão.

Partindo deste pressuposto, o qual tem neste momento, um embasamento apenas da autora, é que dedicamos neste ensaio um estudo mais abrangente sobre o “vocabulário do imaginário” e o concluímos com o ponto de relevância para nós, que é a questão do símbolo.

Sem abandonarmos o motivo que nos levou a tal empreendimento, não constitui objeto deste primeiro ensaio, determos na significação do símbolo para Jung e para Psicologia Analítica.

## 2. CONSIDERAÇÕES GERAIS.

Ribeiro (2010, p.46), citando Cirlot, refere de que há indícios de que o pensar simbolista teve seu princípio, provavelmente, anterior ao fim do período paleolítico. Naquela época, era da paisagem natural através de seus elementos como animais, pedras, constelações, que o homem retirava seu aprendizado. Foi em contato com o visível que a humanidade estruturou-se espiritual e moralmente. E ainda, reafirmando Eliade, escreve que “o pensamento simbólico, em todas as suas dimensões, é cosubstancial ao ser humano e precede qualquer linguagem e razão discursiva”.

Becker (2007, p.5), escreve que o verbo *symbolleîn*, constitutivo originário da palavra símbolo, tem como significado reunir, juntar. Este substantivo correspondente é o *symbolon*, cuja representação é encontrada pela primeira vez no Egito antigo num selo de chumbo do tipo que se usavam na Antiguidade como uma espécie de identidade.

Além do seu significado inicial o verbo *symbolleîn* passou a ser usado em expressões que descreviam a ideia de reunir, de ocultar ou encobrir. Portanto, o sinal transformado em símbolo encobria, dissimulava o sentido aberto do que era representado para o não iniciado. Para Riffard (*apud* Ribeiro, 2010, p.47), a palavra “símbolo” (do grego *symbolon*) foi inicialmente empregada pelos gregos. Referia-se a duas metades de uma tabuinha que, entre hóspede e hospedeiro, cada qual com a sua metade, selavam um pacto de aliança ou hospitalidade. As duas partes juntas (*sumballô*) permitia o reconhecimento dos portadores e podiam transferidas aos seus descendentes.

Compreendemos assim que ao representar as duas partes reunidas, o símbolo é, inicialmente, “símbolo feito de algo” (sinal) que ao ser utilizado passará a ser “símbolo de algo” (símbolo de algo não concreto, mas que poderá vir a ser explicitado).

“O símbolo separa e une, comporta as duas ideias de separação e de reunião; evoca uma comunidade que foi dividida e que se pode reagrupar. Todo signo comporta uma parcela de signo partido; o sentido do símbolo revela-se naquilo que é simultaneamente rompimento e união de suas partes separadas”.(Chevalier, 2001, p. XXI).

D’Alviella (*apud* Ribeiro, 2010, p.47), afirma que o termo “símbolo” passou gradualmente a se referir a tudo aquilo que representasse convencionalmente alguma coisa ou alguém, fosse por decorrência de um acordo geral ou por uma analogia.

Ribeiro (2010) escreve que poucas palavras adquiriram tão vasta significação como a palavra “símbolo”.

Partindo da vastidão e da complexidade presentes no termo “símbolo” é que decidimos dedicar um aprofundamento na sua compreensão. Parece-nos que esta mesma necessidade foi percebida pelo filósofo americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) e pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), pois como nos escreve o semiólogo Latuf (Semiótica), “conceberam, simultânea e independentemente (em sincronicidade, diria Jung, 1875-1961), um estudo dos sistemas de signos, e, de um modo mais geral, um estudo dos sistemas de significação, nomeado *semiotics*, pelo fundador do pragmatismo estadunidense, e *semiologie* pelo mestre genebrino”.

Semiótica ou Semiologia seria, portanto a ciência dos signos e dos significantes, tanto linguísticos quanto os não linguísticos (teatro, cinema, ritos, etc.).

A partir de então, não só os filósofos e linguistas dedicaram sua atenção à compreensão teórica dos signos, mas ampliaram-se através dos estudiosos das ciências humanas, da natureza, das artes, da cultura, etc.

### 3. O “VOCABULÁRIO” DO IMAGINÁRIO.

Para Durand (1964), o uso de termos relativos ao imaginário, sempre foi alvo de extrema confusão, presumivelmente pela grande desvalorização sofrida pela imaginação, pela “phantasia”, no pensamento do Ocidente e da Antiguidade Clássica. Seja por qual motivo venhamos a concluir, termos como: signo, imagem, alegoria, símbolo, emblema, parábola, mito, figura, ícone, são utilizados indistintamente pela maioria dos escritores.

Conforme nos relata Ribeiro (2010, p.50), a noção de “representação”, vinculada à ideia de signos, símbolos, imagens e outras formas assemelhadas, já fazia parte do interesse na compreensão semiótica desde a escolástica medieval, que a definia como “o processo de apresentação de algo por meio de signos”.

O signo é o mediador de qualquer fenômeno de Semiose. Semiose constitui um fenômeno típico dos seres humanos cujo termo foi introduzido por Charles Sanders Peirce para designar o processo de significação, a produção de significado, “pelo qual - como diz Pierce- entram em jogo um signo, seu objeto (ou conteúdo) e sua interpretação”. (*apud* Latuf, Semiose).

Desta forma, semiose pode ser definida segundo o enunciado de Vítor Manuel de Aguiar Silva (*apud* Latuf, Semiose) como “todo o processo em que algo (veículo sîgnico) funciona como sinal de um *designatum* (aquilo a que o sinal se refere), produzindo um determinado efeito ou suscitando uma determinada resposta (interpretante) nos agentes (intérpretes) do processo semiótico (...)”.

Portanto, semiose pressupõe uma “relação recíproca entre significante e significado” (F. de Saussure) a partir da qual ocorre a produção e geração de signos. Esta relação é explicitada por L. Hjelmslev, como se dando entre o “plano da expressão e o plano do conteúdo”.

“Um signo, ou *representamen*, é aquilo que representa algo para alguém, em algum aspecto ou sentido. Dirige-se a alguém, quer dizer, cria na mente de uma pessoa um signo equivalente ou, talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo que é criado chamo interpretante do primeiro signo. O signo representa algo, seu objeto. Representa o objeto, não em todos os sentidos, mas em referência a um tipo de idéia, que em alguns casos havia chamado terreno (*ground*) da representação”. Ítalo Calvino (*apud* Latuf-Semiose)

Segundo Durand (DURAND, 1964), ao representar o mundo à consciência pode fazê-lo de forma direta ou indireta, conforme o objeto pareça estar presente ou não

na mente, isto é, como uma percepção ou uma sensação em conformidade com o concreto, respectivamente. Quando o objeto se encontra ausente à sensibilidade, o pensamento se dá através de uma *imagem*.

“Em todos esses casos de consciência indireta, o objeto ausente é *re-(a)* *presentado* à consciência por uma *imagem*, no sentido amplo do termo”.  
(DURAND, 1964, p12).

Podemos tomar como exemplo de assimilação da realidade em sua forma direta, a representação de um carro. Porém, o carro de nosso pai em nossa infância, só se tornará acessível como realidade de forma indireta, através da (re) apresentação de uma imagem deste carro.

Durand (idem) afirma que na verdade a distinção não é assim tão clara e o que ocorre são diversos graus de imagem “(conforme ela seja uma cópia fiel da sensação ou simplesmente assinale o objeto)” (ibidem, p.12). Em um extremo se encontraria a presença perceptiva (o carro), ou seja, a adequação total ao objeto, e no outro a inadequação total, um signo despojado de seu significado (o carro de nosso pai na nossa infância), isto é:

“..., um signo eternamente privado do significado, e veremos que esse signo longínquo nada mais é do que o símbolo”. (ibidem, p.12).

As representações indiretas afiguram-se no imaginário como alegorias, emblemas, narrativas alegóricas (apólogos), mitos, parábolas, símbolos. Como foi dito anteriormente, muitos destes termos são utilizados indistintamente pela maioria dos autores.

“O símbolo se define, primeiramente, como pertencente à categoria os signos”, (DURAND, 1964, p.12).

Grande parte dos signos constitui-se apenas meios de economizar operações mentais, uma vez que seu significado ou está presente ou pode ser identificado. Assim um *senal*, uma *palavra*, uma *sigla*, um *algoritmo*, precedem um objeto ou um conceito passível de reconhecimento. Desta forma, ao se representarem apenas como resultado desta simplificação, teoricamente, ao menos, estes signos poderiam ser escolhidos de maneira *arbitrária*.

Outra conceituação a ser distinguida, conforme Durand (1964) é a categoria das alegorias. *Alegoria* é a denominação dada para o signo que perdeu sua arbitrariedade teórica, pois há necessidade de recorrer a signos complexos que o remetam a conceitos abstratos, em geral qualidades espirituais ou morais. Cita como

exemplo a ideia de Justiça, cujo personagem apresenta-se ainda, rodeado de objetos vinculados à ideia principal e que são tratados como *emblemas*.

“A alegoria é a tradução concreta de uma ideia difícil de se atingir ou exprimir de forma simples. Os signos alegóricos sempre contêm um elemento concreto ou exemplar do significado”. (ibidem, p.13).

Assim sendo, as alegorias ao remeterem a uma realidade significada tendem a *figurar* concretamente, uma parte da realidade que significam.

Quando o signo não pode mais afigurar-se como uma representação do concreto ou como uma ideia (abstrata), mas, tão somente, como uma figura cujo significado não se encontra absolutamente apresentável e que pode ser reconhecido apenas pela referência ao seu sentido, estamos frente a uma *Imagem Simbólica*, propriamente dita. Como ocorre, por exemplo, nos *mitos simbólicos* e nas *parábolas*.

Jung, escreve Durand (Jung *apud* DURAND, p.14), define *símbolo* como: "A melhor figura possível de uma coisa relativamente desconhecida que não se saberia logo designar de modo mais claro ou característico".

Compreende-se então, que no símbolo, diferentemente da alegoria, a figura não ocupa uma representação secundária, mas constitui-se a própria figura, tornando-se entre outras coisas, fonte de ideias e cujo valor encontra-se apenas em si próprio.

O *símbolo* possibilita a recondução do sensível, do figurado, para além da própria natureza inacessível do significado (transcende-o). Neste sentido, o símbolo é epifania, isto é, uma manifestação do e no significante, daquilo que é pelo significado indizível. Assim, todas as formas de manifestação do indizível, como o inconsciente, o sobrenatural ou o supra-real, tornam-se áreas de predileção da imaginação simbólica.

Não podendo figurar aquilo que por essência é infigurável, a *transcendência*, a imagem simbólica é transfiguração de uma representação concreta (o significante) através de um sentido para sempre abstrato (o significado). O *símbolo* (o signo do indizível, do transcendente) é, portanto, uma representação que faz aparecer um sentido secreto; “ele é a epifania de um mistério” (*ibidem*, p.15).

A palavra símbolo, do grego Sumbolon, refere-se a uma terminologia que implica sempre a *reunião* de duas *metades*, signo (significante) e significado. Ambos são infinitamente abertos. O termo significante, que carrega em si o máximo de concretude, pode conduzir até à sua própria antinomia, todas as espécies de qualidades não figuráveis. Como exemplo Durand (1964) cita o signo simbólico do fogo, que varia de um extremo como fogo purificador, ao fogo sexual, conduzindo ao fogo do inferno.

Paralelamente, o termo significado, concebível no melhor das hipóteses, mas não representável, se dispersa em todo o universo concreto do significante (um pássaro, uma pedra, uma árvore, um planeta, as lembranças de nossa infância), porém remete-se ao não representável, para a imaginação simbólica, para aparição do indizível, do inominável, do inconcebível, do sagrado, do divino.

A via simbólica, ao reconduzir da concretude ao sentido transcendente do símbolo transforma-o em mediador, que através de um conhecimento concreto e experimental faz de todo simbolismo uma espécie de gnose.

O símbolo tem como característica a redundância ao repetir “incansavelmente o ato epifânico” (*ibidem*, p.17), seja através da redundância dos gestos como nos *símbolos rituais*, da redundância linguística como ocorre nos *mitos*, *parábolas e seus derivados* ou ainda da redundância de imagens materializadas por uma arte como nos *símbolos iconográficos*, aperfeiçoando e completando inesgotavelmente a sua imperfeição fundamental.



#### 4. CONCLUSÃO

Concluimos, com as palavras de Durand, esta etapa inicial de nosso estudo, cuja intenção consiste em apresentar uma maior compreensão do significante símbolo.

“Detenhamo-nos agora nessa definição, nessas propriedades e nessa classificação sumária do *símbolo enquanto signo que remete a um indizível e invisível significado, sendo assim obrigado a encarnar concretamente essa adequação que lhe escapa, pelo jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas que corrigem e completam inesgotavelmente a inadequação.*”  
(Durand, 1964, p.19).

Constitui-se, como proposta, prosseguirmos no entendimento do significado do símbolo para a Psicologia Analítica.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

[DURAND, 1988] Durand, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

[DAMIÃO, 2007] Damião, Maddi Jr. **A experiência do Símbolo no Pensamento de C.G. Jung**. Rio de Janeiro: Aion, 2007.

[BECKER, 2007] Becker, Udo. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Paulus, 2007.

[CUNHA, 1998] Cunha, Maria Helena Lisboa da. **Espaço Real, Espaço Imaginário**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998.

[MUCCI, 2013] Mucci, Latuf Isaias. **Semiótica**, E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, [on-line] Disponível em: (<http://www.edtl.com.pt>), acesso em 22-05-2013.

[MUCCI, 2013] Mucci, Latuf Isaias. **Semióse**, E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, [on-line] Disponível em: (<http://www.edtl.com.pt>), acesso em 25-05-2013.

[RIBEIRO, 2013] Ribeiro, Emílio Soares. **Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce**. Estudos Semióticos. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>) Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 1, São Paulo, junho de 2010, p. 46–53. Acesso em 22/05/2013.

[AMORIM, 2013] Amorim, Sérgio Gonçalves de. **A Imaginação Simbólica e as Hierofanias Re- Equilibrantes na Modernidade: Presenças Femininas no Campo Religioso contemporâneo Ocidental**. Anais do XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões (2009, Goiânia,GO). Sociabilidades religiosas: mitos, ritos e identidade. [on-line] Disponível em: (<http://www.abhr.org.br/wp-content/>) Associação Brasileira de Historia das religiões – Goiânia: Editora da UCG, 2009. ISBN 978-85-7103-564-5, acesso em 17-05-2013.